

LUTO E MELANCOLIA NO POEMA *THE RAVEN* DE EDGAR ALLAN POE¹

Maxwell Costa SANTIAGO²

Licenciado em Letras – Inglês e Respectivas Literaturas
Universidade Católica de Brasília (UCB)

Alessandra Matias QUERIDO³

Docente – Universidade Católica de Brasília (UCB)

RESUMO

O presente artigo visa discutir a relação entre Literatura e Psicanálise. Para tanto, analisaremos o poema *The Raven*, de Edgar Allan Poe, de acordo com os conceitos de luto e melancolia postulados por Sigmund Freud, de modo a perceber como o poeta se valeu de tais noções em sua composição e como essas determinaram os constituintes de seu poema. Assim, consideramos a possibilidade de se ampliarem as leituras de um texto, atribuindo-lhe novas significações, a partir de outras áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe. Psicanálise. Sigmund Freud. Luto e melancolia. Literatura e Psicanálise.

Introdução

Uma bela mulher já morta, um amado enlutado e uma ave que os une. Esses foram os elementos escolhidos por Edgar Allan Poe como ponto de partida na criação do poema *The Raven*. Criatividade e raciocínio foram as palavras de ordem em sua composição, supostamente escrita de modo consciente, de modo que o autor diz ter escolhido seus constituintes a fim de produzir os efeitos por ele pretendidos.

Um corvo é uma ave de hábitos noturnos, de expressão misteriosa e sombria e que carrega uma simbologia relacionada à morte. Sua cor, canto e referências mitológicas resultaram em um conjunto de concepções e crenças acerca de sua atuação e relevância. Sua figura apresenta uma gama de possibilidades interpretativas de acordo com a ótica adotada.

O presente artigo se aterá a uma perspectiva poética e psicanalítica analisando a relação entre luto e melancolia presente no poema *The Raven* do autor americano Edgar Allan Poe,

¹ Artigo resultante de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Católica de Brasília (UCB). Orientadora Profa. Dra. Alessandra Matias Querido.

² Endereço eletrônico: santiagmax@gmail.com

³ Endereço eletrônico: alequerido@gmail.com

conhecido como o pai do romance policial. Para tanto, consideramos que o símbolo corvo pode ser visto como uma representação subjetiva de um conceito ou algo concreto. Assim, o símbolo não é seu objeto representado, mas apenas uma projeção melancólica deste.

A melancolia, por sua vez, pode ser vista como uma característica inerente à ambivalência da alma humana. Junto ao conceito de luto, ela vai além de uma tristeza sustentada pelo passado que encontra sua origem em algo concreto que fora perdido. Apesar de igualmente presente no processo de perda, a melancolia parte de um quadro comum e necessário, para um patológico, instável e indefinido.

Aqui, trataremos do luto e da melancolia presentes no poema *The Raven*, pois revelam-se importantes para a sua composição poética, visto serem resultantes de uma escolha consciente.

Ao analisarmos os conceitos de luto e melancolia, que permearam a composição poética de *The Raven*, percebemos que a poesia é de grande relevância, considerando seu valor poético e seu lado ambivalente, no qual compartilha com outras áreas do conhecimento uma série de questionamentos, a exemplo do poema escolhido, que possibilitou a intersecção entre a teoria literária e os pressupostos defendidos pela Psicanálise.

Dito isto, a proposta deste trabalho é identificar o que são luto e melancolia, de acordo com a perspectiva apresentada no ensaio “Luto e Melancolia” (FREUD, 2011) e no ensaio “Melancolia e Criação” (KEHL, 2011), analisando como tais quadros são representados em termos poéticos no poema *The Raven*, diferenciando-os a fim de descrever como Poe utiliza-se do tom melancólico em seu poema no tocante à utilização de símbolos, escolhas vocabulares e à repetição de palavras.

O artigo está dividido em quatro seções. Na primeira seção delimitamos os conceitos de luto e melancolia, apresentados por Sigmund Freud. Na segunda, expomos o método de composição utilizado pelo autor Edgar Allan Poe na tessitura de seu poema *The Raven*, que fora apresentado no ensaio “Filosofia da Composição”. Na terceira seção, analisamos o poema citado, relacionando as características inerentes ao processo de luto e melancolia postulados por Freud. Na quarta, discutimos acerca das conclusões feitas ao longo do trabalho e dos possíveis desdobramentos decorrentes de tal artigo.

A pesquisa foi de caráter bibliográfico, pois buscou “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.157), a partir do qual analisamos o poema *The Raven* do escritor americano Edgar Allan Poe, considerando os conceitos de luto e melancolia propostos pela Psicanálise.

Luto x Melancolia

Por uma perspectiva superficial, os conceitos de luto e melancolia são tidos como análogos, quando, de fato, apesar das semelhanças, não o são. O que se faz comum a ambos os estados é uma tristeza decorrente de uma perda que vai implicar num processo de busca de seu objeto de amor perdido. Além disso, eles podem ser tidos como complementares, visto o quadro de características comum a cada estado de alma (FREUD, 2011). Não se demonstra fácil, porém, a distinção de tais termos, seja em uma instância conceitual, seja em uma prática, pois tal compartilhamento faz com que se assemelhem e se divirjam e torne complexo o ato de delimitação de seus sentidos. Como ressaltado por Freud em seu aclamado ensaio “Luto e Melancolia” (2011), mesmo nas ciências do pensamento, as noções de luto e melancolia não se apresentam como totalmente delineadas. Por isso se fará uso de aporte teórico capaz de embasar a perspectiva deste artigo. A intenção não é a de investigar tais termos exaustivamente, mas de, conceituando-os, perceber suas características por uma perspectiva poética, no poema *The Raven*, do escritor Edgar Allan Poe, presente no livro *Collected Tales and Poems of Edgar Allan Poe* (POE, 2004).

A princípio, pensou-se em analisar o poema considerando apenas o conceito de melancolia, proposto por Sigmund Freud (2011), visto que o tom melancólico se apresentou essencial à composição poética do texto, considerando os efeitos pretendidos pelo autor (POE, 2004). No entanto, ao ler o trabalho de Freud, foi possível perceber que era importante falar tanto de melancolia como de luto. Consideramos também que “a correlação entre a melancolia e o luto parece ser justificada pelo quadro geral dessas duas condições” (KEHL, 2011, p.142) e, por isso, podem ser analisados conjuntamente. Como mencionado anteriormente, ambos os quadros decorrem de uma perda, parte objetual, parte ideal.

Na Antiguidade, Hipócrates (460-377 a.C.) concebeu a melancolia como um estado resultante de um desequilíbrio humoral marcado pela predominância da bile negra, que resultaria no temperamento melancólico (REZENDE, 2009). Segundo a teoria hipocrática, o corpo humano é regido por quatro humores, que necessitam estar em equilíbrio de modo a permitir a manutenção da saúde. Estes seriam: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra (o desequilíbrio dessa última responsável pelo estado melancólico). Tal definição meramente etimológica encontrou variações de acordo com as áreas de conhecimento a que foi submetida.

Na melancolia, há a predominância de uma tristeza vaga e indefinida, porém intensa. Vaga, pois o melancólico não é totalmente consciente, nem da origem de seu pesar nem de como livrar-se dele. Poderia, pois, ser melhor compreendida por um viés psicológico devido a seus desdobramentos.

A melancolia é vista como uma desordem de origem psicológica (FREUD, 2011) e pode ser vista como semelhante ao luto na medida em que se mostra decorrente de uma perda de um objeto muito amado. Porém, na melancolia essa ausência parece ser muito mais subjetiva do que possuir, nitidamente, um objeto de amor perdido como no luto. É coerente concordar que “a melancolia está relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda” (KEHL, 2011, p. 144).

Ainda segundo Freud, o melancólico vive um estado constante de retrospectiva causado por um remorso e uma acusação com sua origem dificilmente encontrada em algo concreto. Considera-se, assim, que o sentimento de perda sentido neste estado se refere não a algo substancial, mas a um local anteriormente ocupado. Deste modo, uma das consequências do estado de melancolia é justamente a existência de “uma acusação contra alguém, um outro que o doente não é capaz de identificar ” (KEHL, 2011, p.10). Nesse ponto, o melancólico se distingue novamente do enlutado, visto que este sabe o que perdeu e não busca retê-lo, ao contrário daquele. Assim, ao nos referirmos à melancolia, falamos de um processo não vivido de luto (KRISTEVA, 1989) em que o objeto perdido permanece presente como “uma sombra” sobre os que permaneceram.

Quase todas as características comuns à melancolia são encontradas no luto. Quanto a diferenças suas:

Os traços mentais distintos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição (FREUD, 2011, p.1).

O objeto causador da melancolia, apesar de perdido e ser a origem de todo o seu descontentamento, carrega consigo outros motivos. Seria razoável dizer que, por isso, Freud diz que o melancólico não sabe o que perdeu, pois, apesar de inteiramente consciente do objeto concreto causador de seu estado, ignora os elementos implicados em tal processo. Por exemplo, uma mãe que perde seu filho único, sofre não somente pela perda objetal, mas pelo espaço ocupado por ele. Sofre pela falta do afeto que recebia e oferecia, pelas expectativas que nutria e pelas lembranças. Assim a noção de luto e melancolia se assemelham, visto o quadro comum, porém, no luto o seu processo culminará em aceitação, diferentemente da melancolia.

Em decorrência dessa insatisfação, espera-se que no complexo melancólico haja uma insistência do objeto afligido por tal estado em insultar-se. Desse modo o melancólico se vê

atado voluntariamente ao seu objeto perdido, que, apesar de causar-lhe dor pela ausência, lhe confere certo deleite quando se apresenta, ainda que subjetivamente. Assim, o amado tenta reter o objeto de sua admiração, mas, não conseguindo, age agressivamente em direção ao culpado por seu estado, agindo paradoxalmente contra si mesmo. Aqui, compreendemos outro traço caro ao melancólico, que parece, à primeira vista, contraditório, o fato deste deleitar-se sadicamente em seu sofrimento. Essa ambivalência dá-se por uma “identificação com o objeto odiado” (FREUD, 2011, p.3). O ente que permanece vivo ora odeia ora ama seu objeto perdido. Ama pela possibilidade de retê-lo, ainda que de modo ilusório, e odeia-o pela necessidade de retorno a uma realidade na qual o objeto de seu afeto faz-se ausente. As acusações feitas pelo melancólico dirigem-se a outrem e a si, pois, na tentativa de afetar um culpado, é a si mesmo que afeta.

O luto por sua vez é tido como um processo comum, igualmente posterior a uma perda do seu objeto de amor. Encontra-se em sua condição uma grande tristeza pela ausência de um ente querido ou um “ideal de alguém” (KEHL, 2011, p.142) que fora perdido. Pode decorrer não apenas da morte, mas também da “perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido” (KEHL, 2011, p.142). É assim, pois, expresso pela falta de algo, que pode ser teoricamente explicável e delineável. Uma mulher que perde seu filho, sofre consciente do objeto causador de seu sofrimento. Assim, compreende-se que no luto, de fato, “nada existe de inconsciente a respeito da perda” (KEHL, 2011, p.144).

Certo de que a origem causadora de tal quadro é amplamente delimitada e que o mesmo não deve ser considerado como patológico ou passível de tratamento, ponderamos outra característica inerente ao luto: ele é transitório. Não se espera que o enlutado permaneça em seu estado de afundamento eternamente. Ao contrário, pressupõe-se que esse período “seja superado após certo lapso de tempo” (KEHL, 2011, p. 143). No luto, todo o processo é temporal e, assim, ao seu turno, faz com que seu objeto afligido tenda a se recuperar de seu estado, de modo a retomar a própria vida. Assim, é perceptível algo interessante ressaltado por Freud. O enlutado não vai ansiar reaver seu objeto de amor, mas vai “seguir em frente”. A imagem do objeto de amor perdido tenderá, assim, a desvanecer, passando de um estado presente a uma aceitação. O luto passará com o tempo.

É oportuna uma diferenciação oferecida por Freud, relativa às consequências de ambos os estados. Ao passo que a perda no luto é de natureza objetal e na melancolia ela se apresenta como ideal, concordamos que “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (KEHL, 2011, p.144), ou seja, nesta, a vida do próprio indivíduo perde seu valor. Aqui, percebe-se que o enlutado, considerando a origem concreta de seu quadro, perderá o

prazer nas coisas, enquanto o melancólico perderá essa satisfação em si mesmo, mostrando que a perda ocorreu em “seu ego” (KEHL, 2011, p.145).

A Filosofia da Composição: o corvo e seu corvo

Segundo Araújo (2002), em seu livro *Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra*, “estudar, pesquisar e escrever acerca da obra de Edgar Allan Poe é problema complexo que exige trabalho acurado” (ARAÚJO, 2002, p.15). O estudioso apresenta alguns dados relevantes para os que pesquisam sobre o escritor literário. Se a Cervantes é atribuído o título de pai do romance moderno e a Charles Baudelaire, pai da lírica moderna, é razoável, assim, conceber o americano visto suas contribuições para o meio literário, tanto como referência para o Romantismo, como também criando um novo modo de escrever: um escrever reflexivo. Ainda segundo Araújo, Poe é conhecido como o pai do romance policial e das tramas de terror. Porém, das muitas coisas que se podem dizer sobre E. Allan Poe, pouco se afirma com certeza. Seja no âmbito biográfico ou literário, sua trajetória é cheia de lacunas e fatos especulativos.

Apesar das divergências, é consensual que Poe tenha nascido em Boston, Massachusetts, em 19 de janeiro de 1809 e tenha morrido em 7 de outubro de 1849. Nesse curto período de vida, Poe desenvolveu-se como expoente na literatura. Sua vida “atribulada e cheia de acontecimentos extraordinários” (ARAÚJO, 2002, p.17) contribuiu para a construção de sua obra. Dentre as mais conhecidas, o poema *The Raven* certamente é uma das mais aclamadas.

O título *The Raven* (O Corvo), em si, relaciona o autor à sua obra visto as associações feitas desde o início de sua publicação. Ao criar o poema, A. Poe inspirou nos leitores da *New York Evening Mirror* uma curiosidade em torno de sua obra. Todos queriam saber a respeito de seu compositor. Tal curiosidade se deu inicialmente pelo fato de o poema não ter sido assinado, fazendo com que se propagasse em outros jornais. Assim, de modo a satisfazer as expectativas, Poe revela-se como sendo autor do poema *The Raven*. A essa altura, o escritor anônimo do poema já era conhecido pelo título de sua obra. Porém, essa revelação não fez cessarem os questionamentos, mas, ao contrário, os aumentaram, e, para responder às inquietações dos leitores, ele escreve o ensaio *The Philosophy of Composition* (A Filosofia da Composição), no qual explica o seu processo criativo, a metodologia usada na tessitura de seu poema.

Sua intenção foi de teorizar seu processo de criação, descrevendo sua lógica. Considera-se, porém, que

não se trata de uma matemática quantitativa, medida por números ou equivalentes, e, sim, por uma disciplina guiada pela intuição da

similaridade, pela ‘simetria ou consistência’, como está demonstrado, por exemplo, no poema *Eureka* (ARAÚJO, 2002, p.92).

Poe afirma que “nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição” (POE, 2004, p.13), mas sim fruto de um trabalho racional e reflexivo, visto sua aversão à noção de uma poesia que surgisse “do nada”. Ao contrário, ele concebia a poesia e a prosa como resultados de uma equação matemática, que deveriam seguir passos ordenados em vista de um fim. Tal perspectiva é, segundo o autor, rejeitada por outros escritores, os quais parecem não se dispor a revelar seu modo de proceder por dois motivos: ou por não serem capazes de retomar seu método ou por receio de expô-lo, de modo a desmistificar sua criação.

Ao contrário, Poe apresenta de forma sistemática os seus critérios de seleção dos constituintes do poema *The Raven*, delimitando o cenário, os personagens e ações relacionadas ao efeito pretendido. Para tanto, ele toma como ponto de partida o teor melancólico e o considera como o mais apropriado para sua composição. Desse modo, o autor propõe que a tessitura de seu texto foi feita de maneira mais racional do que seus contemporâneos românticos defendiam.

Na composição de seu poema *The Raven*, considerou seus elementos constituintes, de modo a alcançar alguns objetivos. Desde o tom melancólico até a extensão de sua obra. O poema é o resultado da lógica poética, a qual faz uso de uma “aproximação das palavras pelas suas semelhanças de som” (VALÉRY, 1958 *apud* JAKOBSON, 1991, p.93), criando uma proximidade entre significado e significante. Assim, compreende-se a relação feita por Jakobson entre som e sentido, em que o autor associa ambas as noções, pois os elementos selecionados na escrita do poema criam uma relação entre a figura sonora e o próprio símbolo. É deste modo que se compreendem suas associações desde o título, pois “*raven* estaria para *nevermore*” (ARAÚJO, 2002, p.94) visto a relação entre som e sentido decorrente das escolhas feitas por Poe. Os fonemas /n/, /v/ e /r/ presentes na palavra *never* são os mesmos da palavra *raven* /r/, /v/ e /n/, de modo que a ave em si, a amada e a expressão *nevermore* se relacionem.

Assim, das sombras de uma asa do corvo para outra, no espaço do Raven para never, poder-se-ia perceber o vácuo que anuncia a noite exterior e sua penetração no quarto onde se encontra o amargurado e melancólico par de Lenore e a conseqüente escuridão interior do poema originada, quase alongada do exterior da casa (ARAÚJO, 2002, p.95).

A escolha do tema melancólico por excelência (a morte), no contexto considerado o mais poético, associando beleza e morte, expresso na morte de uma bela mulher amada e as

consequências dessa perda em seu amado, que, desolado pelo luto, buscará de modo doentio retomar a relação perdida projetando a amada em algo simbólico que se faça presente e lhe faça referência ao seu objeto de amor, demonstra a maestria do autor em seu processo de criação.

Encarando, então, a Beleza como a minha província, minha seguinte questão se referia ao tom de mais alta manifestação, e todas as experiências têm demonstrado que esse tom é o da tristeza. A beleza de qualquer espécie, em seu desenvolvimento supremo, invariavelmente provoca na alma sensitiva as lágrimas. A melancolia é, assim, o mais legítimo de todos os tons poéticos (POE, 2004, p.5).

Considerando, pois, a melancolia predominante no poema como um estado decorrente de uma perda objetual que se encontra ausente na consciência do seu objeto afligido, notamos que os elementos constituintes do poema *The Raven* convergiram com a criação de estados extremos.

Análise literária do poema *The Raven*: melancolia e luto

No processo de criação de seu poema *The Raven*, Poe se propôs a levar o leitor a um estado de “enlevação” (POE, 2004, p.4), por meio da apreciação de tudo que se tem como dotado de beleza. Essa intenção foi responsável pelas escolhas superlativas do autor. Deste modo, compreendemos sua predileção pela melancolia, tida como “o mais legítimo de todos os tons poéticos (POE, 2004, p.5)”, o qual determinou inclusive o som do refrão, relacionado à ave de mau agouro que evoca a amada com seu graso. Assim, foi “impossível que escapasse a palavra *nevermore*” (POE, 2004, p.6), seja pelo significado da palavra (nunca mais) como principalmente por sua similaridade sonora com o som emitido pela ave e o nome da amada “Lenore”. O autor considerou, então, os elementos que melhor se adequassem ao tom escolhido.

Suas escolhas convergiram sempre com a noção de melancolia. Uma mulher morta evocada, um amante adormecido pela sua perda, que sofre e se deleita pela visita de suas lembranças, um bater insistente que perturba seu sono, um visitante que insiste em posar “nos umbrais” daquele que sofre.

A ideia de “um amante lamentando sua morta amada e a de um Corvo continuamente repetindo as palavras nunca mais” (POE, 2004, p.7) estão em consonância com alguns dos sintomas apresentados por Freud na caracterização do complexo melancólico (FREUD, 2011). A repetição do *nevermore* ao fim de cada verso dá força à expressão, de modo que cada vez que a negativa é pronunciada seu significado se intensifica e se modifica.

Um elemento a se destacar no poema de Edgar Allan Poe são as perguntas do amante dirigidas à ave, pois elas demonstram um “misto de superstição e desespero que se deleita na própria tortura” (FREUD, 2011 p.7), realizando o efeito pretendido por seu autor de criar tal ambiguidade. Assim, ao dirigir seus questionamentos à ave negra, o amante espera que possa ser consolado, de modo a retomar, ainda que superficialmente, o laço rompido. Porém, nesse movimento de perguntas e respostas, existe um grande paradoxo: o amante consciente da realidade concreta de sua perda e da impossibilidade de se reaver o seu objeto de amor perdido, insiste em seus questionamentos, os quais só lhe causam dor.

O corvo assume, pois, todos os elementos capazes de reaver a imagem de Lenore, pois a “fala” da ave “encontra eco no coração melancólico do estudante, que, dando expressão, em alta voz, a certos pensamentos sugeridos pelo momento, é de novo surpreendido pela repetição do nunca mais” (POE, 2004, p.11). Essa ressonância que o amante encontra chega a conferir natureza sobrenatural a seu visitante. É assim que o enlutado opta por aceitar que o “tatar das asas” do corvo equivalem a um “batido à porta” (POE, 2004, p.9) provocado pela presença de sua amada, que pode ser inferida como responsável por tal perturbação no momento em que o amado já não se lembrava de sua ausência. Assim, o amante assume outra característica inerente à melancolia: ele é impelido por uma “sede humana de autotortura” (FREUD, 2011, p.11), que o impulsiona a perguntar conhecendo as respostas.

Assim, uma associação que pode ser feita ao poema e ao sadismo do amante é a do corvo apresentado por Poe com o corvo que bica Prometeu. Prometeu é um deus da mitologia, que, por roubar do deus Zeus o fogo da sabedoria a fim de entregá-lo aos homens, é condenado, sendo acorrentado e ficando suspenso pela eternidade (MINDLIN, 2002). Nessa condição de castigo, um corvo bica seu fígado constantemente, mas que, por sua condição divina, se regenera, criando um ciclo de dor e sofrimento, que, quando parece findar se reinicia. Assim, desde a mitologia, o corvo tem sua simbologia relacionada ao divino.

A partir do título, o poema *The Raven* assume seu tom melancólico, visto a figura de um corvo ser vista como um símbolo ambivalente, se consideramos como ele foi percebido em diferentes culturas.

Na Grécia, é tido como mensageiro do pós-vida. Na mitologia nórdica, o deus Odin é representado com dois corvos dispostos em seus ombros, que simbolizam a memória e o pensamento – e tal referência será útil para a presente discussão, pois, no poema, a memória do enlutado é seu objeto de tortura e prazer, visto remeterem o jovem à Lenore. Algumas culturas da Europa o viam como a personificação do próprio mal. Eram tidos como a reencarnação de pessoas más; eram as almas daqueles que foram privados de um funeral cristão.

Apesar dessas concepções, as quais moldaram o pensamento da coletividade, o corvo também possui conotações positivas. Os indígenas da América do Sul o viam como a representação da criatividade; os chineses e japoneses o relacionavam à gratidão. Para esses povos, também, o corvo era visto como mensageiro, porém de bons presságios.

Tendo considerado o título e alguns aspectos de sua construção, passemos ao poema em si.

O poema *The Raven* possui exatos 108 versos divididos em 18 estrofes. A partir do primeiro verso, Poe estabelece o tom sombrio de sua composição através do ambiente, que não se apresenta como uma noite comum, mas extremamente triste e melancólica. Isso se expressa desde o início em *“Once upon a midnight dreary, while I pondered weak and weary”* (v. 1), visto que o elemento noite já comunica o teor obscuro da composição e é reforçado pela especificação de um horário cercado de superstições. O adjetivo *dreary* atribui à noite a característica dominante do poema.

Assim, determinados o cenário e o estado de torpor do amante adormecido, o autor introduz um estado de tensão no eu-lírico causado por um agente externo. Isso fica evidente em *“As of someone gently rapping, rapping at my chamber door”* (v. 4), através de uma perturbação repentina que o desestabiliza de sua inércia por meio das batidas nos umbrais, e o amante é obrigado a modificar seu estado de alma.

Esse incômodo, a princípio velado, se revelará e se intensificará ao longo do poema, de modo a produzir não uma mera repetição, mas uma elevação de seus sentidos, tornando cada elemento da composição essencialmente ambíguo. Assim, em um primeiro momento não há nada de relevante no mero visitante anônimo. O amante aparenta querer subtrair o caráter dual de seu incômodo, de modo a tentar, em *“Tis some visitor, I muttered, tapping at my chamber door; only this and nothing more”* (v. 5) convencer-se da insignificância de seu visitante.

A segunda estrofe intercala uma memória melancólica que se apoia na tristeza decorrente da perda de sua Lenore *“from my books surcease of sorrow- sorrow for the lost Lenore”* (v. 10) e que agora se expressa nas coisas guardadas pelo amado, como também na presença dos anjos, *“For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore”* (v. 11).

No verso 9, em *“Eagerly I wished the morrow; —vainly I had sought to borrow”*, há a esperança e um desejo no interior do enlutado de mudar seu estado psíquico. O amante deseja se ausentar do momento presente, de modo a esquecer de sua perda, que, apesar disso, só aumenta o seu afundamento. Nesse momento descobrimos o motivo de seu quadro: a ausência de sua amada, a qual, apesar de não sabermos o motivo, não se encontra mais presente fisicamente, pois o autor escreve *“nameless here for evermore (v. 11)”*, demonstrando a falta provocada no enlutado.

São as primeiras referências feitas ao objeto do pesar do amante enlutado, sua jovem Lenore se faz ausente por uma visão material. Algo interessante encontrado no nome Lenore é a sua similaridade seja com *nevermore* seja com a melodia do canto do corvo. Em “*Sorrow for the lost Lenore*” (v. 10), as recordações evocam o objeto perdido. Aqui vemos explicitamente a relação intrínseca entre som e sentido defendida por (VALÉRY, 1958 *apud* JAKOBSON, 1991). Assim, compreende-se que de fato a escolha de Edgar Allan Poe faz com que o canto da ave seja capaz de evocar Lenore.

Em seu estado de torpor, o amante parece consciente do que se dá a sua volta e até relativamente conformado diante do rompimento que passara. Porém, no momento em que ele assim se encontra, tem seu espírito perturbado. Seu estado de luto demonstrava-se estável e provavelmente o remeteria à superação de seu quadro, porém a noite se apresenta como um dos elementos propícios à permanência de seu estado.

O som produzido encontra um eco no coração melancólico, que insiste em buscar retomar a relação perdida, atribuindo significado ao som percebido. O retorno obtido parece ser meramente o ricochete de sua intenção, fazendo que a recepção de tal mensagem divina seja primeiramente ignorada, de modo que se mantenham os ânimos equilibrados. Uma questão que se apresenta é se a emissão de tal som equivale meramente ao seu desejo de rever sua amada ou se há algo velado em sua presença. Vejamos: “*But the silence was unbroken, and the stillness gave no token, / And the only word there spoken was the whispered word, ‘Lenore!’ / This I whispered, and an echo murmured back the word, ‘Lenore!’*” (v.27-29).

No momento em que o amante se interioriza percebe um vazio provocado pela ausência de seu objeto de amor e o eco produzido pelo visitante com seu canto faz aumentar o seu sofrimento, de modo a afligi-lo cada vez mais. O amado encontra-se em um processo decorrente de sua perda, que julga, em vão, saber a origem de seu incômodo.

O amado, considerando a ambiguidade impregnada em seu visitante, o qual apresenta o pesar da lembrança de sua perda como também a possibilidade de retomada, vê-se instigado a interpelar a ave, ignorando a impossibilidade de esta lhe responder algo racional. Ignora também o fato de tais questionamentos lhe trazerem grande sofrimento.

A partir da sétima estrofe, o corvo se faz presente de modo concreto, adentrando a quietude do leito do amado e transformando seu estado de lamentação em contemplação. De modo ambíguo, ela lhe confere tanto tristeza como também alegria. O mero fato de sua presença confere ao amante o deleite e a possibilidade de um resgate feito pelo corvo.

Na décima segunda estrofe, o amante retoma suas reflexões de modo a descobrir a essência de seu incógnito visitante. Ele se perturba e se interioriza, a fim de descobrir o que o termo *nevermore* significaria. Nesse momento o ambiente se modifica e a presença do divino dá-se pela evocação de seres celestes no verso 81, delineando a resposta desejada, porém temida, e demonstrando um desejo do enlutado de se esquecer de Lenore. Esse é prontamente frustrado pela ave, que o lembra que isso não vai acontecer. Aqui a dualidade se dá no duplo caráter da ave que anteriormente se lhe apresentou como símbolo de algo simultaneamente bom e mau e oscilava nessa dupla natureza em todo o poema. Essa perspectiva perdurará e se expandirá, pois as coisas tenderão a perder o sentido para o eu-lírico até esvaziá-lo, de modo que não exista nenhum consolo para ele: *“Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer / Swung by seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor. / ‘Wretch,’ I cried, ‘thy God hath lent thee – by these angels he hath sent thee / Respite – respite and nepenthe from thy memories of Lenore! / Quaff, oh quaff this kind nepenthe, and forget this lost Lenore.’ / Quoth the Raven, ‘Nevermore!’”* (v. 79-84).

Essa transformação no caráter do corvo faz que, no verso 98, o amante queira voltar ao seu estado anterior com a partida da ave, para que pare de afligi-lo (semelhante ao mito de Prometeu). Porém, igualmente no mito, o estado do amante nunca findará, haja vista a impossibilidade de cicatrização de suas feridas sempre abertas, retomando o quadro melancólico postulado por Freud (2011) – *“‘Leave my loneliness unbroken! quit the bust above my door! / Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!’ / Quoth the Raven, ‘Nevermore’* (v. 100-102).

Ao final do poema, o corvo conclui sua estadia no mesmo lugar em que se encontrava no início do texto, demonstrando a impossibilidade de sua partida e a dificuldade de recuperação que será encontrada pelo amante, pois ele não se recuperará “nunca mais”. Vê-se assim um movimento cíclico, já que os personagens envolvidos na trama encontram-se em posições semelhantes às dispostas no seu início. Porém, o estado do amante é potencialmente mais acentuado do que antes da chegada de seu visitante, de modo que as sombras e o torpor que penetravam o ambiente externo são absorvidos e internalizados, demonstrando que seu luto não correrá ordinariamente, mas tenderá a permanecer por tempo indefinido. *“And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting / On the pallid bust of Pallas just above my chamber door; / And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming, / And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor: / And my soul from out that shadow that lies floating on the floor / Shall be lifted – nevermore!”* (v. 103-108).

Na última estrofe, Edgar Allan Poe confronta os dois estados decorrentes da perda aqui discutidos. Demonstra que o luto vivido pelo amante tenderá a não chegar a seu termo, pois seu objeto, apesar de ausente, encontra-se internalizado e a superação defendida pelo autor não ocorrerá devido à insistência no objeto perdido.

Seu estado de alma, porém, não é o mesmo que no início de seu processo, mas se apresenta de modo superior ao apresentado no quadro inicial. A dualidade tendeu a se expandir ao longo dos versos, transitando sempre em positivo-negativo e evocando as dimensões humano-divino, expressando no ambiente as mudanças internas no eu-lírico.

Assim, se para Sigmund Freud o luto é transitório, Edgar Allan Poe o apresenta em seu poema *The Raven* como análogo à melancolia, e desprovido de uma possibilidade de recuperação. Logo, ainda que ambas as patologias se apresentem com suas características delimitadas e brevemente distintas, no poema a tentativa de se dissociarem luto e melancolia demonstra-se infrutífera.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos analisar o poema *The Raven*, de Edgar Allan Poe, considerando os conceitos de luto e melancolia propostos por Sigmund Freud (2011). Para tanto, buscamos definir as noções de luto e melancolia a partir de aporte teórico da Psicanálise. A tentativa de distanciar tais noções demonstrou-se ineficiente visto o compartilhamento de suas características, implicando na investigação de ambos.

Primeiramente, apresentamos os conceitos de luto e melancolia, de modo a perceber suas características e peculiaridades. A intrínseca associação entre os dois quadros foi vantajosa em alguns momentos. Ao explicar que ambos sucedem um processo de perda, ora objetual, ora subjetiva, evidencia-se que o luto e a melancolia encontram-se relacionados. Porém, se, no luto, tudo parece poder ser explicado visto sua natureza objetual, que encontra nitidamente a razão de seu pesar, na melancolia é diferente já que o objeto causador da tristeza não é totalmente delineável, pois, apesar de consciente da perda sofrida, não é capaz de expressar totalmente os fatores implicados no processo.

Após a tentativa de tal delimitação, apresentamos o poema em questão, analisando o método utilizado pelo autor em sua composição. Sua metodologia detalhada no ensaio “Filosofia da Composição” (POE, 1999) apresenta de forma sistemática seus critérios de seleção na criação do poema, delimitando o tom melancólico como o mais adequado, de modo a determinar o cenário noturno e triste, o estado de torpor do amante, a presença enigmática do corvo capaz de evocar Lenore, entre outras características implicadas em sua perda.

Tendo, pois, analisado a composição do poema *The Raven*, destacamos os versos nos quais os conceitos de luto e melancolia puderam ser percebidos, de modo a relacionar o poema às características apresentadas por Sigmund Freud.

Foi perceptível a presença das características inerentes às noções de luto e melancolia no poema, de modo a transparecer a ambivalência em ambas as noções. Seja no estado de ambiguidade e dor do eu-lírico, como no ambiente e outros elementos externos, como o busto de Palas, o luto e a melancolia se interpuseram sobre todo o texto. Além disso os elementos relacionados a tais estados demonstraram-se numa transição interna-externa, pois as perturbações que, a princípio se delineavam meramente no exterior de modo restrito, ao final, manifestaram-se no interior do eu-lírico. Esse processo de seleção demonstrou-se relevante na medida em que os dois estados de alma permearam toda a composição de Edgar Allan Poe, desde seu título.

A partir da pesquisa, buscamos investigar o mérito do autor numa instância poética. Assim, foi perceptível sua influência, pois, na racionalização de seu poema, se propôs a pensar a poesia produzida pelos representantes do Romantismo e do Simbolismo, questionando e influenciando tais movimentos literários.

Assim, consideramos a possibilidade de se associarem outras áreas de conhecimento na análise do poema *The Raven*, introduzindo pressupostos teóricos advindos da Psicanálise, percebemos que a literatura se relaciona com outras ciências e assim pode ser percebida por várias óticas, de modo a expandir seus sentidos e demonstrar a comunicação feita entre literatura e outras áreas.

Por fim, reiteramos a contribuição feita por Edgar Allan Poe para a Literatura, considerando seu modo de escrever reflexivo e sua influência na escrita do romance policial. E se a Charles Baudelaire é atribuído o título de pai da lírica moderna, é razoável conceber o escritor americano como essencial para os estudos literários por apresentar uma nova perspectiva sobre o terror e o grotesco, de modo que o que era apresentado com uma única ótica, predominantemente negativa, em Poe, se torna ambivalente e se intensifica.

Referências

ARAÚJO, Ricardo. “O Corvo”: O Homem em sua sombra. In: **Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002. p. 91-105.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. I. Blikstein e J. Paulo Paes. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

KEHL, Maria Rita. Melancolia e Criação. In: FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac&Naify, 2011.

KRISTEVA, Julia. **Sol Negro**: depressão e melancolia. Trad. Carlota Gomes. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/242876238/Julia-Kristeva-Sol-Negro-Depressao-e-melancolia-pdf>>. Acesso em nov. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINDLIN, Betty. O fogo e as chamas dos mitos. **Estudos Avançados**, vol.16, n.44, 2002. p. 149-169. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9853/11425>>. Acesso em nov. 2017.

POE, Edgar Allan. Filosofia da Composição. In: POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999.

POE, Edgar Allan. **The collected tales and poems of Edgar Allan Poe**. New York: Wordsworth, 2004.

REZENDE, J. M. Dos quatro humores às quatro bases. **À sombra do plátano**: crônicas de história da medicina. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 49-53.

MOURNING AND MELANCHOLY IN EDGAR ALLAN POE'S POEM THE RAVEN

ABSTRACT

The present paper aims to discuss about the relation between Literature and Psychoanalysis. Therefore, we are going to analyze the poem The Raven written by Edgar Allan Poe, in light of Freud's concepts of mourning and melancholy, in order to perceive how the poet used these notions on its composition, and how it determined its constituents. Thus, we consider the possibility of expanding the reading of a text, attributing new meanings to it, through the lenses of other fields of expertise.

Keywords: *Edgar Allan Poe. Sigmund Freud. Mourning and Melancholy. Literature and Psychoanalysis. Psychoanalysis.*

Envio em: fevereiro/2017
Aceito para publicação: março/2017